OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 212

11 DE NOVEMBRO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Falemos ainda da Judic.

As suas nove recitas passaram a voar, d'aqui a pouco lembrar-nos-hemos d'ellas como d'um sonho bom — nós, que não o sr. Freitas Brito para quem por algum tempo será pesadelo — Lisboa nunca mais tornará a vel-a representar, e portanto falemos ainda da Judic.

Quando escrevemos a nossa ultima chronica tinhamos visto a grande actriz franceza em dois papeis apenas — o de *Lili* e o de *Femme à papa*, e esses bastaram-nos para conhecer em Judic a extraordinaria actriz que toda a França applaude e para darmos plena rasão ás platéas das *Varietés* e aos chronistas parisienses. Hoje escrevemos depois de termos seguido com uma curiosidade escrupulosa e um enthusiasmo sempre *crescendo* todas as recitas que a celebre actriz deu em Lisboa, temos elementos para uma apreciação muito mais completa, definitiva, da Judic, apreciação que mais nos faz lamentar a sua ausencia que mais saudade nos faz ter d'essas deliciosas noites passadas na Trindade, na Trindade d'onde a *pruderie* d'uns, a desconfiança d'outros, e a falta de dinheiro de muitos afastou isso que se chama — enchente real.

Porque a verdade é esta: as recitas da Judic foram um *successo* extraordinario e ao mesmo tempo um enorme fiasco: *successo* para a gloriosa actriz, fiasco para a ingenua empreza, que teve a candidez, que nós teriamos tambem, de se fiar no gosto artistico dos lisboetas.

Quem uma noite foi á Trindade, ficou immediatamente vencido pelo talento e pela graça extranhas da Judic, voltou lá todas as noites, e deu para alli tudo quanto tinha de enthusiasmo, e talvez mesmo de tostões: mas o peior é que houve muita gente que nem essa «uma noite» lá foi.

Falámos já largamente, na chronica anterior dos motivos que explicavam até certo ponto essa falta da concorrencia do publico, entretanto faltou-nos ainda mencionar um mais, um que ultimamente se deu ao manifesto — a *pruderie* indigena.

E paramos hoje um momento diante d'esse novo motivo porque o achamos extremamente engraçado.

D'esta vez o bom tom foi não ir ás recitas da Judic.

Parece que uma terra como Lisboa, onde o gosto da *operetta* predomina, a ponte de ser o theatro da Trindade, aquelle que o publico ferquenta de preferencia, e o que tem visivelmente, sem ser preciso andar a confrontar as folhas dos camaroteiros, maior media de receita, que uma terra onde a Preciozi, a casta Preciozi foi durante dois mezes o idolo de toda a população, que todas as noites se extasiava piedosamente diante da *Timbale d'argent*, da *Jolie parfumeuse*, da *Perichole*, do *Canard a trois becs* e d'outras virtuosas peças quejandas, verdadeiras paginas da *Moral em acção*, premios para *pension de jeunes filles*, que uma cidade que fez um successo á *Niniche* em portuguez, e que deu ao *Divorciemo-nos* de Sardou as successivas enchentes que no Gymnasio, e nos Recreios elle obteve, deveria ir esperar a Judic ao caminho de ferro, com todas as

JARDIM ZOOLOGICO — LAGO DAS PERNALTAS (Segundo uma photographia de H. Garland)

honras devidas á rainha da *operetta*, d'essa operetta porque Lisboa morre, e emquanto a voz da Judic echoasse no theatro da Trindade, e o seu, fascinador sorriso de *charmeuse* brilhasse lá dentro fazer *queue* á porta, disputar a peso d'ouro um logar para a ver, para a ouvir, para a acclamar, para ver o que nunca viu, para ouvir o que nunca ouviu, para acclamar essa actriz extraordinaria que nunca tivera occasião de conhecer, e que nunca mais poderá victoriar.

Parecia tudo isto não é assim?

Pois foi exactamente o contrario.

A ultima hora, Lisboa que adorava a Preciozi, Lisboa que enche todas as noites a Trindade, Lisboa que riu immenso com a *Niniche* e com o *Divorçons*, Lisboa que consumiu grande numero de exemplares da *Naná*, e que digere quotidianamente os virtuosos contos de Catulle Mendés, que os jornaes lhe fornecem dia a dia com uma prodigalidade que demonstra claramente o bom appetite com que elles são devorados, essa Lisboa lembrou-se de decretar não ser *bon genre* assistir ás recitas da Judic.

E muito contente com este bom tom que lhe mettia na algibeira um par de libras, que dava um bello colorido de elegancia á sua pelintrice, Lisboa afastou-se da Trindade como se em vez de alli estar escripturada a Judic estivesse escripturado o microbio gangetico e d'ahi um grande desiquilibrio nas receitas com que os emprezarios contavam.

Pode-se dizer affoutamente que além de Sarah Benhardt nenhuma actriz teve o condão de despertar tão grande enthusiasmo, de captivar, de fascinar tanto o seu publico, como a Judic; as ovações eram successivas e enthusiasticas, e creio que não haveria uma unica pessoa que ouvisse a Judic, que não ficasse logo vencida, subjugada, pelo extranho encanto que d'ella rescendia.

Se em Lisboa houvesse mais dinheiro n'uns e menos *pruderie* n'outros, as recitas da Judic teriam sido além d'um triumpho enorme para a celebre actriz — o que foram — um bello negocio para o emprezario, — do que esteve muito longe.

O encanto em Judic não é só um caracteristico da actriz é uma qualidade innata da mulher. Tanto nos subjuga no palco como cá fóra.

Sarah Bernhardt, essa divinisa-se, é uma rainha, sabe-o, e fal-o saber... como nas cartas de lei.

A Judic não; fallando-se com ella ninguem suspeita que está defronte de uma celebridade, e demais a mais de uma celebridade theatral; faz-nos esquecer o nosso Shakspeare — vaidade o teu nome é actor — e fascina-nos, subjuga-nos pelos mesmos meios com que nos subjuga e fascina na scena — a simplicidade e a singeleza.

E nós, que estamos habituados muito a miudo a encontrar-nos frente a frente com a *pose* arrogante de certas mediocridades sopradas pela vaidade e pelo compadrio, ficámos seriamente surprehendidos ante a bonhomia simples, a lhaneza amavel d'essa que tem no mundo do theatro o nomo glorioso de Judic.

E assistindo a todos os seus espectaculos, cada vez comprehendemos melhor a justiça d'esse epitheto, os direitos incontestaveis e incontestados que essa actriz tem á celebridade.

Depois da *Lili* e da *Femme à papa*, vimos a Judic na *Nitouche*, um dos seus melhores papeis e das suas melhores peças.

A *Nitouche* é um *vaudeville* engraçadissimo, que se não tivesse sido representado em Lisboa pela Judic, daria um bom par de enchentes ao theatro que o fizesse traduzir e o puzesse em scena.

Tem pilhas de graça da primeira á ultima scena, e essa graça que bastaria para lhe garantir o agrado, dá-lhe um *successo* collossal realçado pelo talento inimitavel da Judic.

N'esta peça poz-se tambem em evidencia, fazendo-se applaudir muito, o actor Edouard Georges. E' preciso notar, porém, que o *successo* foi muito mais do papel do que d'elle, e que temos em Lisboa muitos actores comicos que lhe poderiam dar desempenho dez vezes superior.

A *Niniche* foi um novo triumpho para a Judic: prejudicou porém a peça, o ser muito conhecida por todos e ser extremamente mediocre o desempenho de todos os outros papeis.

Para nós, porém, um dos mais notaveis trabalhos artisticos da Judic é o *Divorçons*. E' n'essa peça, a corôa da Chaumont, que se vê a grande distancia que as separa, e quanto Judic lhe é superior em talento, em arte, em finura, em distincção, em delicadeza e creio que os fundos da Chaumont descerão na critica franceza se a Judic se lembrar de representar o *Divorçons* em Paris.

Como se porém não bastassem todas essas manifestações brilhantes do seu extraordinario talento para que a sua passagem pelo nosso palco ficasse assignalada ao lado das maiores notabilidades artisticas que nos teem visitado, a Judic cantou em hespanhol umas *peteneras*, e essas *peteneras*, rapidas, pequenas, apparentemente insignificantes, foram um deslumbramento, foram só por si a revelação d'um talento *hors-ligne*.

Temos ouvido cantar *peteneras* a todas as actrizes hespanholas que tem estado em Lisboa, ouvimol-as cantar em Madrid pela primeira cantora de Hespanha, a Elena Sanz, que, além de hespanhola, é uma *virtuose* notabilissima, lembramo-nos ainda com saudades da noite em que a ouvimos na *velada* dos jornalistas hespanhoes, mas nada d'isso se parece com as *peteneras* cantadas pela Judic.

A musica hespanhola tinha guardado o segredo da sua maior commoção para o revelar ao talento da grande actriz franceza.

Pode cantar-se aquelles versos e aquella musica com mais *salero*, pode haver mais requebro na voz, mais languidez aphrodisiaca no olhar, mais volupia no colorido, mas o que nunca hespanhola alguma conseguiu foi vibrar a commoção profunda, dramatica, que a voz da Judic, o seu olhar, a sua expressão vibravam n'esta quadra singela e tragica!

> Dos besos tengo nel alma
> Que no se apartan de mi
> El último de mi madre
> Y el primero que te di.

A transição entre o penultimo e o ultimo verso feita pela Judic é extraordinaria, é assombrosa, revela uma coisa superior ao talento — o genio, e ha de ficar sempre na recordação de quem a ouviu ao lado das commoções mais profundas sentidas em theatro, ao lado do *spirito gentil* do Gayarre, do *credo* do Tamagno, do *Dies irae* do Uetam, da morte de Samsão do Salvini, da scena final do 2.º acto da *Princeza Georges* pela Sarah Bernhardt, da morte de Nero pelo Rossi.

E bastava ouvir essa pequena *petenera* para se jurar immediamente que a Judic era uma actriz excepcional.

Em summa, tudo isso já lá vae, e o peior é que decerto não voltará.

Nem o resultado da empreza é para animar novos emprezarios, nem a Judic, segundo ella nos affirmou, se offerecerá por muito mais tempo á admiração do publico.

Agora está em Madrid, depois faz a sua *tournée* d'Italia, volta a França; no dia 1 de janeiro entra em Paris, no dia 20 cria no Palais Royal a nova comedia de Najac e Sardou, *Lui et elle*, cujo papel está já estudando, no verão vae fazer a sua digressão á America do norte, e depois deixa o theatro, de que está já cançadissima, naturalmente deixa o seu appellido de madame Judic pelo de madame Millaud, e depois quem a não ouvisse... que a tivesse ouvido.

Nós ouvimos e agradecemol-o a Deus, as quatro libras... e ao sr. Freitas Brito.

O theatro de S. Carlos abriu exactamente na noite em que a Judic cantava pela primeira vez a *Mam'selle Nitouche*, e não se pode dizer que entrasse na nova epocha com o pé direito.

Até agora não tem dado que fallar de si, e já tem dado duas operas Os espectadores andam um pouco desanimados, porque vêem que até agora a superioridade que se lhe annunciava da epocha actual sobre as epochas anteriores tem consistido apenas no preço dos logares.

Não vale a pena desanimar, porém, porque estão ainda para vir a Salla, a Sembrich, o Massini, e depois então fallaremos.

Nos outros theatros aprestam-se novidades, e D. Maria já deu uma d'essas novidades o *Ruy Blas* de Victor Hugo, traduzido pelo sr. Bulhão Pato.

Não podémos assistir ainda á representação d'essa peça, uma das melhores de Victor Hugo e do theatro contemporaneo. Dizem-nos que o resultado obtido pela empresa de D. Maria com a exhibição do *Ruy Blas* não correspondeu ao que se esperava. Veremos e diremos francamente a nossa opinião, lamentando desde já que o famoso drama de Victor Hugo não tivesse no nosso theatro o exito brilhante a que tinha direito.

No theatro do Gymnasio deve fazer beneficio no dia immediato ao da sahida d'este periodico, o actor Augusto de Mello, um dos mais intelligentes e illustrados artistas do nosso theatro. Na peça que n'essa noite se representa pela primeira vez, *L'heritage de mr. Plumet*, reapparece no palco portuguez depois de 12 annos de ausencia o distincto actor Silveira, que n'esse mesmo theatro e depois no theatro de D. Maria deu sobejas provas do seu bello talento e teve ruidosas noites de gloria.

A Trindade tem tambem a sua peça nova, o *Batolin*, que em breve subirá á scena.

E fóra do theatro poucas ou nenhumas novidades ha.

Novidades litterarias ha uma que damos com prazer aos nossos leitores, a do proximo apparecimento de dois livros um de versos, outro de contos, do nosso talentoso collaborador, o sr. Abel Acacio, um escriptor novo cujas notaveis aptidões e formosa intelligencia os leitores do OCCIDENTE teem já tido occasião de apreciar.

Novidades politicas nenhumas dignas de menção, o rompimento do accordo, uma coisa que se rompe e se remenda todos os dias, e com que no fim de tudo nós nada temos que ver, porque se nos affigura nada ter que ver com elle o bem estar do nosso paiz.

O governo preencheu finalmente o logar de governador civil de Lisboa, vago pela demissão do sr. Segurado.

A demora que houve na nomeação justifica-se porque a escolha que era difficil foi acertadissima.

O novo governador civil de Lisboa é o sr. conselheiro Peito de Carvalho, director geral das contribuições directas, um cavalheiro de subida intelligencia, que tem dado sobejas provas da sua alta capacidade nos importantes cargos que tem occupado, e que pela sua intelligencia, pelo seu caracter e pela sua illustração faz com que festejemos a sua presença na administração superior do novo districto.

E agora, esperamos pelo resultado da conferencia ácerca do Zaire, se não tivermos nada de melhor a fazer durante o tempo que vae correr.

Gervasio Lobato.

O LAGO DAS PERNALTAS

NO JARDIM ZOOLOGICO

Pernaltas ou *ribeirinhas* é como a sciencia as denomina.

Umas aves que geralmente habitam em terrenos alagadiços, junto ás lagôas ou nas margens dos rios.

D'ahi o nome de *ribeirinhas* com que a Zoologia as baptizou.

D'ahi tambem o enorme comprimento dos tarsos que a Natureza lhes proporcionou, — comprimento que por vezes lhes dá a apparencia de phantasmas a moverem-se montados em andas, e que lhes permitte transitarem a vau pelas terras encharcadas.

Échassiers lhes chamam por isso os Francezes.

Pernaltas dizemos nós em portuguez, indicando por este expressivo termo a longa extensão d'aquelles tarsos altissimos, que ás especies de um determinado grupo (as *corredoras*) consentem percorrer com rapidez grandes distancias (como succede ás emas e ás avestruzes).

De tarsos compridos e compridissimos bicos (que lhes servem para a apprehensão dos peixes com que muitas d'ellas se nutrem) as pernaltas são, por via de regra, aves aquaticas; outras sustentam-se de reptis, e prestam n'este sentido um relevantissimo serviço aos camponezes libertando-os das cobras (estão n'este caso as cegonhas, que tanto frequentam os tectos das choupanas no nosso Alemtejo, e que tão supersticiosamente acatadas são pela gente dos campos como aves verdadeiramente beneficas e protectoras); algumas emfim, sobretudo quando apertadas pela escacez de outros alimentos, contentam-se em colhêr para sua frugal refeição substancias vegetaes.

Falámos nas cegonhas. As cegonhas são realmente o typo caracteristico da grande ordem das pernaltas.

Aves incontestavelmente sympathicas pela amigavel sociabilidade com que buscam a companhia do homem e pelos bons serviços que lhe proporcionam, recebendo em troco a mais hospitaleira acolheita e o mais festivo agasalho, — as cegonhas eram já na Antiguidade veneradas pelos habitantes da Thessalia e constituiam para os Romanos o emblema da piedade filial.

Mas... quando lhes attentamos bem na descompostura physica do feitio... quando as deparamos desincolhendo os tarsos e marchando desairosamente em passadas longas e incommensuraveis... acodem-nos maliciosamente á idéa aquelles desgraciosos exemplares de moças desastradas que tão frequentemente produz entre suas brumas a excentrica Albion.

Porque a ingleza... devemos fazer-lhe essa justiça... ou representa na airosidade finissima do seu porte elegante a mais fagueira transição da

mulher para o anjo, ou é a perpendicularidade geometrica em toda a sua mais burlesca expressão!

Na ingleza não ha meio-termo.

Aos quinze annos ou é um cavallão esgalgado, a correr aos pinotes e a soltar desafinados guinchos; ou é uma creança adoravel com todas as graças ineffaveis de uma suavidade celestial.

Depois de mulher, temos no primeiro caso uma caricatura ambulante com todos os ridiculos caracteristicos da sua grutesca individualidade: — um pau de vassoura sobrepujado por uma cara de queijo flamengo; uma vaidosa affectação de sorumbatica gravidade que por vezes se desmancha em gargalhadas alvarmente estridulas.

No segundo caso, quando milagrosamente nos surgem creações divinas como aquellas tres que em suas *Viagens na minha terra* idealizou o portentoso genio de Garrett, chega a afigurar-se-nos que momentaneamente abandonamos o prosaismo da terra e que entre sonhos deliciosissimos nos inebriam as deslumbrantes phantasias do empyreo.

Determinemos agora ornithologicamente o *simile* d'estas duas especies: — para a segunda acode-nos naturalmente a ave-do-paraiso; para a primeira, por mais que busquemos, não incontramos... senão a cegonha!

Mas nem só por *cegonhas* se acha povoado o *Lago das Pernaltas* no Parque de S. Sebastião da Pedreira.

De involta com algumas palmipedes (taes como gaivotas e pelicanos, cujo bico á primeira vista e até certo ponto faz lembrar o das pernaltas) — lá incontra o visitante os *agamis*, as *garças*, os *grous*, e um galantissimo exemplar do *ibis* escarlate.

Juntem-se a isto as condições picturescas do lago caprichosamente recortado em seus contornos, accidentado ao centro por um ilheu de verduras, elegantemente atravessado por uma ponte rustica de madeiras toscas, visitado frequentes vezes por doces creaturinhas femininas que se não cançam de admirar a purpura cardinalicia do ibis (como succedia ás damas da côrte de Luiz XVI ante a galanteria do cardeal de Rohan), — e força é elogiar mais uma vez a fina intelligencia e o aprimorado gosto de que hão dado provas os srs. Barão de Kessler e Miguel Paes na artistica disposição do Jardim Zoologico de Lisboa.

Xavier da Cunha.

AS NOSSAS GRAVURAS

AVEIRO — RUA DE JOSÉ ESTEVÃO

Aveiro é uma bonita cidade da provincia da Beira. Bem sabemos que hoje se lhe chama Douro, mas ninguem d'aquelle districto, a não ser por Castello de Paiva, se deixa de considerar beirão; e tem carradas de razão. Aveiro com a sua bella chã do senhor das Barrocas, o seu gentil passeio de Santo Antonio, a sua magnifica alameda até Arada, as suas Aguas, o seu Cojo, e a sua formosa e tranquilla ria, sempre sulcada de saleiras conduzidas á vara por homens e mulheres de boas fórmas e aspecto prazenteiro, é uma graciosa cidade que se reclina suavemente em uma bacia ligeiramente accidentada.

Pelas tardes estivas passear até Esgueira, ver a sua ponte ou o seu esteiro, e divagar desde o Alboi até ás *pyramides*, e ainda prolongar o passeio por mais algum pedaço ao longo do canal, é um prazer inefavel, principalmente porque não raro se nos deparam algumas das graciosas filhas d'aquelle abençoado torrão, leves, ligeiras, risonhas, de olhos rasgados e fórmas preciosas, meneando-se garbosamente envoltas na sua mantilha de panno, a airosa cabecinha mal coberta por um lenço de seda, e o pésinho agitando-se lubricamente na elegante chinella de salto de pião. Que ellas não abandonem este seu trage seductor é o que pedimos ás gentis patricias dos nossos amigos general Cascaes e José Estevão. Aquelle, bem que com pouca vista, ainda de quando em quando póde gozar-se e refocilar-se nos ares da sua terra natal, este apenas póde receber d'ella a saudade viva de uma memoria nunca extincta.

Aveiro vae pagando a sua divida sagrada áquelle que em vez de filho deve chamar pae. José Estevão não fez mais á sua terra porque não poude, e Aveiro algumas vezes faltou ao que lhe devia.

Em quanto não se levanta o monumento que hade perpetuar a memoria de José Estevão, já hoje tem o seu nome a rua onde elle viu a luz do mundo. Quem desce da Estação por Sá e Vera Cruz chega á rua que communica para o Cojo e para a dos mercados mais ampla do que as outras, ainda que de pequena extensão, e que por isso era outr'ora chamada Rua Larga.

Este principio de pagamento de divida faz-nos esperar para breve o seu complemento.

PATEO DO PRIOR, EM COLLARES

Quadro de Alfredo Keil

É mais uma deliciosa tela com que o sr. Alfredo Keil augmentou ultimamente o seu numero, já consideravel, de formosos quadros pintados com aquelle colorido a um tempo brilhante e suave, sem rudezas nem violencias, que distingue as obras d'este pintor.

O assumpto d'este quadro foi encontrado pelo sr. Alfredo Keil em uma das suas excursões que fez por Collares ha dois annos; e alli, n'aquella fresca e risonha mansão que participa das bellezas da pittoresca Cintra, n'uma bella manhã de estio, illuminada por um sol deslumbrante em puro ceu azul, fez o esboceto do Pateo do Prior, construcção antiga com seu arco e escadaria, resto de tradicções arabes, que mais ainda se accentuam por aquellas palmeiras que á direita do quadro destacam com o exuberante verde esmeralda de suas folhas que o sol aqui e acolá fere com os seus raios, ou se escôa por entre a folhagem produzindo gradações de tons que mais enriquecem as bellezas do colorido natural.

O esboceto reproduziu-o o sr. Keil n'um quadro que mede 1m,50 de altura por 1,025 de largura, e esse quadro, hoje em poder do sr. D. José Maria Provanza, bibliothecario da Municipalidade de Madrid, figura actualmente na exposição de Bellas-Artes de Madrid, que se abriu no dia 30 de outubro findo.

FABRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS DE TORRES NOVAS

Foi esta fabrica fundada em 1845 pela Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas, que n'essa data se fundou com séde em Lisboa, onde se conserva.

Esta fabrica e a de Thomar (1) são os dois estabelecimentos industriaes mais importantes do districto de Santarem.

A fabrica occupa-se da fiação e tecelagem de linho, estopa, jute e todas as materias analogas, no que emprega as melhores machinas da especialidade, funccionando durante as estiagens, uma poderosa machina a vapor, e no resto do tempo uma grande turbina belga movida pelas aguas do rio Almonda.

O seu pessoal é de 500 operarios de ambos os sexos.

Os productos d'esta fabrica tem concorrido a todas as exposições nacionaes e extrangeiras desde a de Londres de 1851, e em todas tem sido premiados, possuindo medalhas d'aquella exposição e das de Londres de 1861, Paris 1855, 1867 e 1878, Porto 1861 e 1865, Lisboa 1863, Philadelphia 1876, Vienna d'Austria 1873 e Rio de Janeiro 1880.

Estas são as provas mais positivas da importancia d'esta fabrica, e do quanto a sua digna direcção, composta dos srs. conselheiro José Maria Lobo d'Avila, Alfredo Mendes da Silva e Luiz Adolpho de Oliveira de Sommer, se tem empenhado em a desenvolver, apesar das grandes difficuldades com que tem tido que luctar, pela concorrencia aniquiladora que, a esta e outras industrias, tem estabelecido os tratados de commercio com a França.

Ainda no ultimo tratado celebrado com aquella nação, se dava um golpe decisivo n'esta industria nacional, golpe que a direcção da fabrica de Torres Novas, se esforçou por evitar representando junto dos poderes publicos os graves inconvenientes d'esse tratado, que reduzia á miseria centenares de operarios, pois que obrigava a fechar a fabrica por não poder concorrer.

Felizmente a digna direcção conseguiu conjurar esse grande mal, e a fabrica funcciona regularmente, ainda que dentro de um limite acanhado, porque a concorrencia extrangeira a não deixa desafogar.

Se a demasiada protecção ás industrias de um paiz por meio das pautas das alfandegas, póde ser um estorvo para o desenvolvimento d'essas industrias, pela falta de concorrencia, é todavia certo que, o livre commercio entre nações que não estejam em egualdade de circumstancias industriaes, traz fatalmente a ruina á que não poder concorrer, que será sempre a mais pequena.

Os Estados Unidos, nação poderosamente industrial dão, entretanto, exemplo de um proteccionismo completo á industria do seu paiz, e este facto não impede que a sua industria seja das mais florescentes, tanto sob o ponto de vista economico, como sob o ponto de vista artistico e scientifico, apresentando todos os dias novidades e inventos com que assombra a velha Europa

(1) Vide OCCIDENTE, vol. VI, pag. 203, 205 e 236.

EDUARDO RODRIGUES CARDOSO DE LEMOS

Este nome que principiou a tornar-se conhecido em Portugal, em 1880, por occasião do tricentenario de Camões, pertence a um portuguez, dos muitos que teem emigrado para o Brazil, em busca de largos horizontes em que possam exercer a sua actividade, e colherem remuneração generosa do seu trabalho.

São muitos os que seguem este caminho, centenas, milhares d'elles, mas a grande maioria por lá fica, nas garras da febre amarella, ou arrastando uma existencia obscura, ingloria, sem recursos e tão pobre como para lá foi, almejando pela patria como a terra da promissão, lançando olhares saudosos para o occidente, e seguindo com a vista as ondulações do fumo que os paquetes largam de suas fornalhas, ao atravessarem os portos do Brazil, de regresso á Europa, enviando n'aquelle fumo as punjentes angustias de um exilio infeliz.

É d'essa maioria de emigrantes que se destacam os predestinados, os que conseguem sahir da obscuridade de sua origem, pelo trabalho intelligente, pelas habilitações especiaes, pelos dotes do espirito e do coração, pelo conjuncto de qualidades que distinguem o homem acima do vulgar, quer elle se manifeste nas sciencias, nas artes, na politica, n'esta luta, emfim, da vida que constitue o movimento universal das sociedades. Eduardo Rodrigues Cardoso de Lemos é pois, um d'esses portuguezes que em terras de Santa Cruz logrou tornar-se distincto, porque n'elle concorreram qualidades eminentes, desde as que nascem com o individuo, até ás que se adquirem com o estudo; coração generoso e espirito lucido, obreiro infatigavel do bem, trabalhador corajoso pelo progresso, vencendo-o antes a morte que o desanimo, porque o espirito domina a materia e muitas vezes só morre depois d'ella.

Foi o que aconteceu a Eduardo Lemos a quem de ha muito ruim doença minava o corpo, mas a que elle não dava attenção, todo entregue ás suas muitas commissões, todo empenhado no bom resultado d'ellas.

Eduardo Rodrigues Cardoso de Lemos nasceu na cidade do Porto a 5 de março de 1836 e principiando a sua vida no commercio, foi ainda novo para o Rio de Janeiro onde, em virtude das suas habilitações, encontrou logo boa collocação em uma importante casa commercial.

Poucos annos depois era socio d'essa casa sob a firma social de Roxo, Lemos & C.ª, e o seu caracter affavel e prestadio, a sua intelligencia cultivada por um estudo persistente e bem orientado, tinham-lhe grangeado a estima e o respeito da colonia portugueza no Rio de Janeiro.

O prestigio de Eduardo Lemos crescia progressivamente entre os seus companheiros de exilio. O principio associativo encontrava em Eduardo Lemos um dos seus mais decididos apostolos, e o Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro no dia em que elle se alistava sob a sua missão civilisadora e benefica, contava mais um socio dedicado que ia pôr ao serviço de tão util instituição, toda a actividade do seu espirito e do seu braço, ajudando valentemente a levantar aquella sociedade, á altura de uma das mais poderosas associações portuguezas no imperio Americano.

A idéa do tricentenario de Camões devia corôar um dos mais vehementes desejos de Eduardo Lemos. Elle via na celebração d'esta festa a confraternisação dos dois povos irmãos, para os quaes deixariam de existir rivalidades que, erros politicos de longa data tinham estabelecido.

A satisfação d'esse desejo teve-a Eduardo Lemos, como o que mais se esforçou pelo brilhante resultado do grande centenario, e os echos d'essa festa monumental chegaram ao nosso paiz, unindo-se aos hymnos festivos que na velha Lusitania atroavam por entre os seus valles, e formando um côro unisono dos dois povos, glorificavam o cantor das suas glorias, o monumento perduravel que sobreviverá ás duas nacionalidades, atravez dos seculos.

Foi assim que o nome de Eduardo Lemos, alem do dos seus collegas da direcção do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, que iniciaram n'aquella capital a grande festa, se tornou es-

pecialmente conhecido e popular em Portugal, e ainda mais com a vinda de Eduardo Lemos á patria.

Não é, porém, só esta circumstancia que distingue Eduardo Lemos. Dissemos que elle estudava e esses estudos dirigiam-se principalmente ás questões commerciaes; não era um simples commerciante, que se restringisse dentro dos limites da rotina commercial; as suas aspirações iam mais longe, via mais de alto as grandes questões economicas, e quando no Brazil se fundava o *Centro de Lavoura e Commercio*, Eduardo Lemos foi logo nomeado membro effectivo da direcção, e principiou para elle uma nova campanha, para conjurar a grande crise por que o commercio do café estava passando.

N'esta espinhosa commissão a sua actividade não tem limites. É elle que dirige a primeira exposição de café no Rio de Janeiro, e em 1882 partia para a Hollanda a dirigir a exposição de café brazileiro em Amsterdam e depois d'esta a de Nice, obtendo em ambas os mais importantes resultados para o Brazil.

D'estas exposições fez elle um importante relatorio em francez, que foi justamente apreciado.

A estas exposições seguiram-se as de S. Petersburgo e Nyni Nowgorod, na Russia, e os resultados não foram menos satisfatorios que nas anteriores, devido aos conhecimentos especiaes de Eduardo Lemos, coadjuvados pelos esforços communs da commissão, e é ainda no meio d'estes

Eduardo Rodrigues Cardoso de Lemos — Fallecido a 14 de outubro de 1884
(Segundo uma photographia)

trabalhos fatigantes que a morte o surprehende no dia 14 de outubro, em Vianna do Castello onde tinha ido de visita.

O trabalho de Eduardo Lemos é enorme n'estes ultimos tempos, em que toda a sua actividade andava empenhada na difficil commissão de que se tinha encarregado. Um seu biographo o sr J. Cerqueira diz que, nos ultimos seis mezes a correspondencia de Eduardo Lemos com o sr. conselheiro J. M. da Silva Paranhos encarregado por parte do governo brazileiro da commissão expositora, daria um grosso volume de 500 paginas, e ao tempo que fazia isto sustentava activa correspondencia com o ministro do Brazil, em S. Petersburgo, com o barão de Araujo Maia, representante do *Centro de Lavoura e Commercio*, com o vice-presidente da mesma associação, etc., sem secretario, elle só, attendendo ainda ao grande numero de telegrammas que diariamente lhe eram dirigidos da Russia, da Hollanda, do Brazil, etc.

O governo brazileiro premiára o com o grau de grande dignatario da ordem da Rosa, e o governo portuguez com a commenda da Conceição que elle resignou.

No Brazil Eduardo Lemos foi sempre o infatigavel promotor das subscripções abertas á generosa caridade de nossos irmãos para acudirem aos flagellos da patria e ás instituições de beneficencia; e quando no inverno de 1876 as terriveis cheias invadiram grande parte das povoações de Portugal, elle, na qualidade de membro da grande commissão presidida

AVEIRO — Rua de José Estevão (Segundo uma photographia)

pelo sr. conde de Mattosinhos, conseguia em menos de tres mezes, enviar para o Porto a importante somma de 90:000$000 de réis fortes. Ainda por seu esforço conseguiu obter cerca de dez contos de réis fortes para os Albergues Nocturnos, fundados em Lisboa por iniciativa de el-rei D. Luiz.

O Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro perdeu um dos seus membros mais prestantes e intelligentes, que tomára alli as grandes iniciativas e ao nome do qual ficam ligados factos gloriosos d'aquella instituição, attestados pela edição especial dos *Lusiadas*, pela medalha commemorativa do centenario de Camões, e pelos fundamentos do seu novo edificio architectonico que, bem se poderá chamar um monumento da colonia portugueza, no Rio de Janeiro.

Os grandes serviços de Eduardo Lemos prestados, tanto ao Brazil, como á colonia portugueza, estão bem reconhecidos nas demonstrações festivas que alli lhe preparavam, para o seu proximo regresso ao Rio de Janeiro.

Essas alegrias estão hoje convertidas em profundas maguas, as flores festivas que o esperavam nem ao menos as poderão desfolhar na sua campa. Essa pertence a Portugal, está alli, em Vianna do Castello. Que ao menos nos seja licito guardar no solo da patria os restos de um seu filho tão prestante.

C. A.

BELLAS-ARTES

PATEO DO PRIOR, EM COLLARES
QUADRO DE ALFREDO KEIL, EXPOSTO NA ACTUAL EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES DE MADRID (Desenho do mesmo auctor)

HOSPITAL DA MISERICORDIA DO PORTO

(Concluido do n.º 211)

Para se avaliarem bem as condições hygienicas do hospital da Misericordia do Porto, bastará mencionar que por baixo d'elle passa o antigo ribeiro do Carregal ou das Virtudes!

Em sessão de 2 de janeiro de 1865, o mezario o sr. João Mendes Osorio propoz a construcção de um outro edificio em local e condições mais convenientes e mais tarde publicou um livro notavel sobre este assumpto.

Actualmente existem alli 12 enfermarias divididas por 42 salas. O pessoal medico compõe-se de 11 facultativos externos, 2 internos e 5 supranumerarios.

Tem annexas uma pharmacia e uma lavanderia a vapor e até ha pouco estava instalada em uma das suas dependencias a escola medico cirurgica, que foi ultimamente mudada para o seu novo edificio junto ao quartel do Carmo.

Para se conhecer o movimento d'este importante estabelecimento de caridade, transcrevo alguns dados colhidos no relatorio que comprehende o exercicio de 1 de julho de 1880 a 30 de junho de 1881.

A receita n'esse periodo foi de 129:560$325 réis,

comprehendendo 85:846$936 de juros de inscripções e de outros papeis de credito e 15:708$246 de legados. A despeza elevou-se a 128:103$019, da qual se destacam 48:474$943 gastos no hospital da Santa Casa.

O movimento de doentes no referido anno foi o seguinte: em 30 de julho existiam 608, entraram durante o anno 7:713, sahiram curados 7:203, falleceram 597, ficaram existindo 521.

Fizeram-se 96 operações, sahindo curados 76 doentes, no mesmo estado 1, fallecidos 9, ficando existindo 9.

Nas enfermarias homœpathicas existiam 71 enfermos, entraram 491, sahiram curados 471, falleceram 56, ficaram existindo 35.

Além do hospital, a meza da Santa Casa administra os recolhimentos dos lazaros e lazaras, da rua das Fontainhas, entrevados e entrevadas de Cima da Villa, velhos invalidos e asylo das viuvas pobres, asylo do barão de Nova Cintra, recolhimento dos orphãos e o hospital de alienados do conde de Ferreira.

O padroeiro do hospital da Misericordia é Santo Antonio. A escolha d'esse nome deu causa a um facto curioso. Em sessão de 15 de julho de 1770, quando se tratava de resolver qual deveria ser o padroeiro do hospital, suscitaram-se dissidencias entre os mezarios, querendo uns que fosse S. Sebastião, S. João de Deus, S. José e outros Santo Antonio, optando por este ultimo os que tinham aquelle nome.

Para cortar as duvidas, o provedor D. Antonio de Lencastre, brigadeiro e coronel do 1.º regimento da guarnição do Porto, decidiu que se procedesse a excrutinio secreto, o qual deu em resultado sahir eleito Santo Antonio. O referido provedor mostrando que alguem poderia censurar esse resultado, visto elle chamar-se Antonio e terem o mesmo nome o escrivão Antonio Bernardo Alves de Brito, e mais dois mezarios, propoz que se corresse novo excrutinio, sahindo novamente eleito e d'esta vez por unanimidade o dilecto thaumaturgo.

Por occasião do cerco do Porto em 1832-1833, a fachada sul do hospital recebeu grande numero de balas de artilheria, que nenhum prejuizo causaram ás paredes, tal é a sua consistencia.

Na casa da acceitação existe um quadro a oleo representando um homem idoso ministrando caldo a um doente. No fundo da tela lê-se a seguinte inscripção: «A meza d'esta Santa Casa, de 1840 a 1841, mandou tirar á sua custa o retrato do irmão José Antonio dos Santos para dar-lhe um testemunho de gratidão e excitar a posteridade a imitar a extremada caridade com que elle tem curado por mais de 30 annos os doentes do hospital.»

Na secretaria da rua das Flores acha-se a extensa galeria de retratos de bemfeitores do estabelecimento, a qual costuma ser todos os annos exposta no pateo da mesma setretaria. Entre esses retratos ha alguns de merecimento. Tambem alli existe o excellente quadro gothico que alguns querem attribuir a Grão Vasco ou Vasco Fernandes.

Finalmente as obras do hospital, que por muito tempo se chamou o *hospital novo*, começaram em 1769, sendo para elle transferidos os primeiros doentes em 14 de agosto de 1795.

Porto — 18 — 10 — 84.

M. M. Rodrigues.

O INFANTE D. FRANCISCO

APRECIADO NA SUA CORRESPONDENCIA INEDITA

1726

(Continuado do n.º 210)

VI

Grandezas

Mais contém esta correspondencia a circumstanciada designação das despezas do infante, que era liberal, e não desdenhava as artes e as lettras. Por ella seria facil compor uma extensa relação de quasi todos os gastos de sua casa, mas é duvidoso que tal relação conseguisse prender a attenção dos leitores. Por isso, pondo de parte os roes do vinho consummido pelos moços da cavalhariça nas tabernas dos Romulares e de Belem, de Salvaterra e de Samora, as vestiarias dos caçadores, cocheiros, azemeis, sota-cavalhariças, reposteiros, picadores e liteireiros, e ainda outras despezas miudas, apontarei sómente algumas que podem dar idéa da grandeza com que vivia D. Francisco de Bragança.

Ao selleiro Agostinho Marques, por obras do seu officio, em oito mezes — 289$740 réis. Ao ferrador Gregorio Coelho, despeza relativa aos mezes de setembro a dezembro de 1725 — 64$400 réis, e ao 1.º semestre de 1726 — 90$440 réis. Ao ferrador Manuel Roiz, conta do 1.º semestre de 1726 — 150$000 réis. A D. Antonio de Valença, pelo trabalho que teve de ir á feira do Almagro em 1724 comprar 17 machos, além dos gastos quotidianos com que o infante mandou assistir-lhe — 48$000 réis. Custo de 6 cavallos baios que, para o serviço de D. Francisco, mandou vir de Hollanda em 1724 Manuel de Castro Guimarães, ainda que chegaram só 5 — 916$790 réis. Dito de 4 cavallos e despezas de conducção — 214$200 réis. De fretes de barcos e outras adherencias de jornadas desde que D. Francisco passou para Alcochete em novembro de 1725 — 48$000 réis. Ao cereeiro Paulo da Silva Leitão, por conta do que se lhe devia, proveniente de ceras que tinha dado e ia dando para o serviço do infante — 2:000$000 réis. Ao carpinteiro de jogos, cinco roes desde janeiro até dezembro de 1725 — 450$707 réis. Ao carpinteiro das caixas dos coches, despeza relativa aos mezes de julho e setembro de 1725 — 24$800 réis. Ao dourador José da Silva, por obras do seu officio, para a casa e cavalhariça do infante 208$820 réis. Ao carpinteiro Manuel Roiz Ferreira pelo concerto da estufa de Hollanda e de outras carruagens de serviço — 66$100 réis. Ao pintor Vicente de Sousa 381$400 réis, por obras do seu officio feitas em julho e agosto nos coches do infante, e mais 29$880 réis por dourados nas duas casas que servem de doceis no paço da Côrte Real, e pelas estantes que serviram n'uma comedia alli representada. Seiscentos paus de castanho das mattas do almoxarifado de Chão do Couce, que possam emmadeirar de 20 palmos para deante; — mercê de D. Francisco ao conde de Avintes, gentil-homem da sua camara. Ao moço da casa das armas para comprar 40 arrobas de chumbo e reduzil-o a munição de varios lotes — 43$200 réis. A despeza com os cães sabujos fórma uma verba tão avultada, que seria fabulosa... se não fosse verdadeira! Darei na integra este curioso decreto:

«O superintendente dos contos de minha casa, Domingos de Miranda, disporá que nas contas do almoxarife Thomé Nunes Teixeira, do segundo triennio que o foi do reguengo de Vallada, em os annos de 1718, 1719 e 1720, e é contador Verissimo Pereira Coutinho, se lhe abonem e levem em despeza 59 moios e 37 alqueires de pão baixo, 27 canadas de azeite, e em dinheiro 496$990 réis, que tantos diz e dá em conta haver despendido com a sustentação dos cães sabujos em todo o discurso do tempo que os teve a seu cargo, sem embargo de que a este respeito não mostre as clarezas necessarias; por quanto, por fazer-lhe mercê, hei todas por suppridas e o presente decreto se ajuntará por linha á mencionada conta, ordenando tambem o superintendente que esta se finde com a maior brevidade que possivel seja. Lisboa Occidental, 28 de maio de 1726. *Com a rubrica de s. a.*»

(Continúa) *Alberto Telles.*

Architectos da Batalha e dos Jeronymos

II

Continuando no seu plano de contestar por meio de ligeiras notas as asserções do meu artigo, — diz o sr. Rebello, a pag. 192, que na sua opinião *Boutaca era extrangeiro e naturalmente ita-*

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 211)

VII

As questões de moralidade

— Ora essa?! Com que então já nós lá vamos?! Saiu da escola hontem, e já quer metter-se em fôfas de casorio, encher-se de filhos, de encargos, de responsabilidades tremendas?! Faz favor de me dizer com que hade sustentar a mulher?

— Espero ser despachado brevemente.

— Pois eu despacho-o já, ponha-se no meio da rua.

Era seria a situação!

Lá se ia tudo quanto Martha fiou.

Gilberto já não falava, trovejava.

O pretendente havia ido buscar a sua bengala e o seu chapeu.

— Lembre-se que me disse que eu tinha posto uma nodoa em sua sobrinha.

— Deixe lá isso que eu cá lh'a tiro. E sabe que mais? cresça e appareça, meu amigo, cresça e appareça.

O latagão que já chegava com a cabeça ao tecto, perguntou-lhe:

— Pois ainda quer que eu cresça mais?

— É o que eu lhe digo, e entenda-me bem. Cresça e appareça.

— Se tal desgraça me acontecesse, voltou-lhe o outro, só em alguma feira me poderia apresentar a pataco por cabeça.

N'isto acudia D. Perpetua attrahida pela bulha que o marido fazia, e o pretendente á mão da sobrinha de Gilberto retirava sem se despedir, para não deixar saudades.

Gilberto desafogou com a esposa e referiu-lhe o caso do *petimaitre* que ainda cheirava a coeiros e já se queria casar.

— Ora o valdevinos! e tu a gastares palavras com esse badameco. Cuidei outra coisa.

— Pois era isso. Não achas que tenho razão?

— Toda a razão.

E concluiu que fartos fossem elles de casar, que na maioria eram uma desgraça os casamentos.

— Pois ahi é que bate o ponto.

Mas com o andar do tempo, não muitos annos depois, acontece que a Gilberto lhe cae o raio em casa.

A filha mais velha que não atinava com as regras da musica deu em pôr-se a olhar para a sombra, e tanto se mirou n'ella até que encontrou quem lhe fizesse a côrte.

Era um vadio em quem mal apontava a barba, sem officio nem beneficio, um armazem de pancadas que levava a vida pelos botequins da baixa, e passava por mais tolo ainda do que o senhor seu pae que era morgado.

Para tudo ter de mau, até mettia um olho pelo outro, era vesgo de todo.

Pois foi d'elle que se agradou a filha de Gilberto.

Desculpava-se ella d'essa inclinação desgraçada, dizendo que era a sua sorte, e tinha muito dó d'elle mesmo por ser assim defeituoso e todos o receberem mal encontrando-lhe só defeitos, sem nenhuma virtude ou meritos que os fizessem escurecer.

Ora para onde havia de dar á rapariga.

Por muito tempo se cartearam e falaram elles sem que de nada se apercebesse Gilberto.

É verdade que elle tinha notado a tempo que a filha se dedicava muito á escripta, e já na caligraphia punha a um canto os irmãos, pois que tinha um bello talho de lettra, e escrevia mesmo como um homem.

Mas d'ahi a concluir que a filha se aperfeiçoava no cursivo para escrever ao valdevinos que lhe arrastava a aza, ia distancia e de mais para o alcance da sua vista.

Quem sabia de tudo era a mãe, mas nem os seus rogos, nem as suas ameaças, nem a sua vigilancia, nem as suas prohibições conseguiram obstar a continuação e adeantamento d'essas relações infelizes.

A pobre D. Perpetua começou desde esse dia a comprehender deveras que de espinhos tinha aquelle encargo de mãe estremosa e terna.

Vivia n'uma inquietação permanente e o marido mais de uma vez lhe notára a tristeza que ella não podia occultar e o abatimento em que se ia definhando.

— Ai! se teu pae sabe, quem ha de ouvil-o?

Era o que dizia á filha, porque ao marido dizia-lhe sempre que não tinha nada, e que era a mais feliz das esposas, e a mais feliz das mães.

liano. A pag. 237 inclina-se a que seria allemão. Para mim, era portuguez. Recapitulemos as razões porquê.

PRIMEIRA : — a existencia de um logar com o nome d'elle, proximo da Batalha.

Esta rasão não é de prova inteira, porque não se sabe se a existencia d'esse logar é, ou não, anterior á existencia do artista; fluctuando portanto a opinião entre crêr que a aldeia tomou o appellido do homem, ou o homem a designação da aldeia. Eu em todo o caso acho mais plausivel a segunda hypothese. O homem, nascido alli e sentindo faculdades innatas de artista, foi-se naturalmente realisar gostoso a sua aprendizagem para a Batalha, onde os companheiros de trabalho o começariam appellidando com o nome do burgo de que era oriundo. Assim esta prova, não obstante fraca, póde acompanhar e corroborar em concordancia as provas mais concludentes.

SEGUNDA : — o proprio appellido, Boutaca, que no seculo XVI se escrevia Boytaca.

O diphtongo *oy* é genuinamente e exclusivamente portuguez. Encontra-se desde os primeiros escriptos, feitos em portuguez, do começo da monarchia e só recentemente se corrompe em *ou*. O substantivo moderno — *noute* — ainda no seculo passado era — *noyte*; (1) *ouvir* — era no seculo XIII — *oyr*; (2) *morro* — no ultimo quartel do mesmo seculo escrevia-se — *moyro*, (3) d'onde depois foi — *mouro* — e depois passou á forma actual; *coita* ou *couta* (cuidado, afflicção) — era ao mesmo tempo — *coyta*; (4) *outeiro* — era — *oyteiro*; *Europa* — era ainda — *Eyropa* (5) na segunda metade do seculo XIV.

Boytaca deve ser egualmente nome portuguez. O sr. Rebello escreve *Boytaca*; eu porém, se, quando me refiro ao eximio creador da architectura nacional, escrevo antes *Boutaca*, trocando o *oy* pelo *ou*, obedeço á lei insuperavel e fatal das evoluções das linguas, lei de effeitos constantemente e lentamente modificadores. Em vez de me comprazer n'um archaismo, fiz do *oy* um *ou*, como se tem feito em todo o nosso vocabulario.

TERCEIRA : — a assignatura do mestre, (6) que assigna sempre com letra analoga á usada por então em Portugal.

Esta é uma prova fortissima, supponho eu, porquanto, se Boutaca era extrangeiro, não foi chamado evidentemente ao nosso paiz, a dirigir obras de arte monumentaes, senão porque o seu talento, a sua experiencia e as suas creações lhe tinham sabido grangear uma reputação mais que nacional; iria portanto já adeantado em idade, e não vinha decerto a Portugal modificar em poucos annos, ainda que o quizesse, a sua forma de letra, tomada na infancia e arraigada durante mais de metade da existencia. Continuaria, sim, a escrever entre nós como francez, como allemão, ou como italiano.

Mas elle escrevia como portuguez : veja-se-lhe a assignatura, que tão repetidas vezes lançou no livro da medição e avaliação das obras em Alcacer, Ceuta, Tanger e Argilla, assignatura de que apresento um dos facsimiles. A forma é nacional. Parece, é bem verdade, que elle assignava — *Boytac* e não — *Boytaca*; ha mesmo n'aquelle livro uma assignatura, citada pelo sr. Brito Rebello a pag. 237 do 4.º vol. d'este periodico, e feita com tinta differente da dos dois *colchetes* que a limitam, a qual parece terminar seccamente n'um *c*. Parece terminar, mas realmente não termina; ha alli simplesmente abreviatura, suppressão d'uma letra por parte do assignante. É este um facto commum, geral mesmo, nas assignaturas. O nome que nos vemos forçados a escrever tão repetidas vezes, tratamos de abrevial-o, esboçando letras, comendo aspas, salvando ligações. Leva-nos a isso o tédio da repetição.

(1) Côrte na aldeia.
(2) Prologo das cantigas das cinco festas de Santa Maria.
(3) Cancioneiro de D. Diniz.
(4) Mesmo cancioneiro.
(5) Livro de linhagens.
(6) Veja-se o facsimile que daremos em estampa.

(Continúa) *Abel Acacio.*

RESENHA NOTICIOSA

FALLECIMENTO. No ultimo *Salon*, ou exposição de quadros que se realisou em Paris, no corrente anno, attrahiu as attenções um quadro bem delineado, e executado com bastante movimento e talento, que se intitulava *O meeting*. Este quadro era obra de uma senhora a joven Erchentzelf. As circumstancias que fizeram d'esta riquissima donzella, uma artista, são curiosas. Amava um joven com quem estava para casar; este porém por inconstancia, volubilidade, ou por qualquer outro enfado, desappareceu nas vesperas do casamento e não tornou a dar novas de si. A joven noiva para apagar ou moderar a sua paixão, entregou-se á pintura, bella arte, que segundo a tradicção, nasceu de um caso similhante. Os cuidados e desvelos de que a mãe e a familia cercavam a bella Erchentzelf não se podiam exceder. Ha um mez pouco mais ou menos a joven artista penteando-se ao fresco da manhã apanhou um resfriamento; resfriamento foi elle que ao fim de quinze dias, zombando de todos os esforços da medicina, a fez succumbir. A interessante artista expirou exactamente no momento, em que sua tia acabava de realisar a liquidação de alguns milhares de francos, que destinava á construcção de uma habitação e atelier para sua sobrinha! Singulares caprichos da sorte!

CONFERENCIA DO CONGO. Effectivamente está resolvida a conferencia, e cada nação nomeou já o seu representante. Por parte de Portugal foram nomeados o sr. Antonio de Serpa Pimentel e marquez de Penafiel, ministro na Prussia, e foi como secretario, ou adjunto o sr. Luciano Cordeiro, official do ministerio do reino e secretario perpetuo da sociedade de geographia de Lisboa. Confiamos muito da capacidade, intelligencia, e conhecimento do assumpto que tem o sr. Antonio de Serpa; a sua vasta illustração, conhecimentos e honradez são garantia de que s. ex.ª ha de empregar todos os seus recursos, para fazer resolver um assumpto em que ha annos o seu nome se acha compromettido; ha porém uma difficuldade : nos julgamos que para tratar com o finorio de Bismarck e os outros que os belgas, francezes, e inglezes lá hão de mandar não são sufficientes a nossa justiça e a lealdade e honra do sr. Antonio de Serpa, mas sim a dextreza que possuiam Francisco de Sousa Coutinho, Sebastião José de Carvalho, conde de Castel-Melhor, D. Luiz da Cunha, Alexandre de Gusmão, duque de Palmella, etc. Repetimos, confiamos muito da intelligencia, saber, esforços, dedicação, zelo e honestidade do sr. A de Serpa, mas não esperamos da conferencia nenhuma resolução favoravel a Portugal.

REFORMA DO EXERCITO. Foi publicada no dia 31 de outubro a ordem do exercito que encerrava a nova organisação do exercito; que pela sua extensão e multiplicidade de disposições se não póde resumir. Tem muitas disposições novas, importantes e convenientes, ha outras porém, cuja conveniencia se não reconhece. Apesar de quaesquer defeitos que possa conter, assim mesmo é o trabalho mais completo que sobre organisação do exercito se tem feito entre nós. Esta organisação deu em resultado um augmento dos quadros dos officiaes, pelo que na ordem seguinte foram feitas as promoções necessarias. O exercito compõe-se além do estado maior general, corpo de estado maior, arma de engenheria e administração militar, de 5 regimentos de artilheria, 10 de cavallaria, 12 de caçadores e 24 de infanteria, etc., com 120:000 homens approximadamente.

REI DO CONGO. O periodico francez, *Le temps*, que se tem mostrado, não sabemos porque, muito hostil a Portugal, dizia ha dias em um dos seus numeros, que em Lisboa se falava muito na projectada vinda a Lisboa de um *soi-disant* rei do Congo, que viria a Portugal, renovar a sua vassalagem para com o seu suberano o rei de Portugal e pedir-lhe protecção contra os extrangeiros que o pretendem esbulhar. Tem graça o *Temps* quando fala no *soi-disant*, rei do Congo. Uma de duas: ou o redactor do *Temps* não sabe historia, e n'esse caso faria uma obra de misericordia quem lh'a ensinasse, ou a sabe, e então faz uma coisa, que não tem nome muito agradavel. Estas espertezas fazem lembrar o dito de Bocage:

> Se não és tolo és velhaco
> Ou talvez que sejas tudo.

Um dia porém foi Gilberto encontral-a a chorar com a cabeça escondida no travesseiro da cama.

— Então o que é isso, o que tens tu?

— Não tenho nada, deixa-me.

— Não tens nada e choras?

— É nervoso.

Gilberto não quiz acreditar.

— Aqui ha coisa, exclamou, ha coisa por força que bem o sei.

E pôz-se a indagar pelas criadas, até que chegou á cosinheira a qual não tinha papas na lingua, nem era cega para que lhe mettessem os dedos pelos olhos dentro.

— Sabe o que a senhora tem? ralações de ver a menina com a cabeça no ar.

— Que é isso de cabeça no ar? explica-te.

— Ora o que ha de ser, pouco juizo, falta de cuidados, ah! se calçassem pelo meu sapateiro a coisa era outra. Na edade d'ella já eu o ganhava se o queria comer. Por isso nunca tive tempo para dar trela a ninguem.

Dissera o bastante para que se fizesse comprehender.

— Basta, basta! exclamou Gilberto.

E por não mortificar a mulher entendeu levar as coisas de outra maneira sem escandalos em casa nem ralhos.

— O mal corta-se pela raiz, disse.

O caso estava em encontral-a, e pôz-se desde logo á procura da raiz.

Tanto fez até que acertou.

Alli pelas onze horas da noite é que a filha de Gilberto falava ao valdevinos.

O pae pôz-se de alcateia e foi para a janella do sotão a fim de não jurar falso para ver e ouvir o que diziam.

Nada mais innocente nem mais sensaborão do que a palestra dos dois criançolas.

«A noite está fresquinha,

«Que fez esta manhã, póde saber-se?

«Não passou ás tres horas, porque motivo?

«Passei mas não a vi, porque razão?

«Estava o papá em casa, mas agora não ha receio porque está dormindo.

Gilberto tremia como varas verdes.

Espera que já te digo, observou comsigo.

E catrapuz! despeja sobre o apaixonado Narciso, o alguidar dos ensaboados sem dizer sequer agua vae.

Ouve-se unicamente um grito da menina que cahe desmaiada, e uma praga do Adonis que se vê n'um charco.

Gilberto fechou a janella e desceu em palmilhas a metter-se na cama.

D. Perpetua estava no oratorio.

— Deitaste hoje tão tarde Gilberto?

— Deito sim, olha vae lá ver o que tem tua filha, pareceu-me ouvil-a gritar.

— Ora o que ha de ter, está sonhando alto talvez. Aquillo são humores alvoroçados.

— Pois vae, vae. Vae ver se os socegas.

Não se disse mais nada.

D. Perpetua trémula e convulsa comprehendeu logo que alguma coisa de extraordinario se havia passado.

Dirigiu-se ao quarto da sua filha e não a encontrando foi direita á janella da copa.

Viu-a a chorar, muito pallida, e muito inquieta.

— Anda gente lá em cima, disse ella, anda gente porque deitaram agora mesmo uma grande porção de agua para a rua.

— Deixe andar, deixe, e vá se deitar porque amanhã falaremos.

Ella quiz dizer ainda alguma coisa.

— Cale se, seu pae sabe tudo. A menina é uma louca, e amanhã essa janella ha de ser pregada.

Dito isto veiu metter-se na cama.

Mas Gilberto nem palavra.

Nada mais singular.

A janella foi pregada, e a vigilancia de D. Perpetua sobre a filha exerceu-se n'essa noite por modo que ella não poude apparecer ao peralta.

Gilberto tinha-se embuçado no capote e sahido occultamente por uma das portas interiores.

Elle levava-a fisgada.

— É impossivel, dizia com os seus botões que o patife depois do lembrete que apanhou volte cá pelo veso.

Mas enganou-se redondamente.

O patife á hora do costume appareceu, mas em vez de bengala, trazia, vejam que descaramento, um enorme chapeu de chuva.

(Continua) *Leite Bastos.*

Fabrica de fiação e tecidos de Torres Novas (Segundo uma photographia do sr. Carlos Relvas)

Quina. O illustre professor dr. José Julio Rodrigues, que tantos serviços tem já prestado ao adeantamento scientifico e industrial do nosso paiz, vae formar uma empresa para o desenvolvimento do cultivo da quina nas nossas possessões de Africa Occidental, nomeadamente em S. Thomé; diz-se até que o intelligente professor irá a esta ilha, e a outras partes fazer propaganda dos seus projectos, afim de interessar a todos no cultivo das chinchonas, cuja descripção foi um medico portuguez quem primeiro fez. Todos sabem que o sulfato de quinino, é um dos poucos remedios conhecidos, cuja efficacia é indisputavel, mas tambem é raro que elle se encontre puro, e portanto difficilmente o medico póde confiar nos seus effeitos. Abrir pois á cultura e industria nacional uma fonte riquissima de producção, e fazer crear a confiança em um producto de tal importancia é um serviço valiosissimo.

Fallecimento. Finou-se no dia 7 do corrente o moço e distincto engenheiro de minas João Eduardo Albers. Fôra elle quem no anno de 1881, dirigira o trabalho geologico, na expedição organizada pela sociedade de geographia á serra da Estrella. Os resultados, porém, d'esses trabalhos, não poderam ser colligidos, O sr. Albers estava na flôr da idade e havia muito a esperar do seu saber e intelligencia.

Outro. No dia 6 do corrente finou-se nas Caldas da Rainha, o dr. Manuel Marianno de Carvalho, medico distincto, e cavalheiro largamente illustrado. Tinha chegado á edade de setenta e oito annos gosando do respeito e consideração de todos os que o conheciam. Era pae do sr. Marianno Cyrilo de Carvalho, uma das maiores illustrações do paiz, lente da escola polytechnica de Lisboa, deputado, e redactor principal do *Diario Popular*. Os nossos pezames ao illustrado professor e a toda a redacção d'esse periodico.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Diccionario universal portuguez, director Fernandes Costa, Henrique Zeferino de Albuquerque editor, Lisboa. Fasciculo 69 de 48 paginas que alcançam até á palavra *madeira*. É illustrado com algumas gravuras explicativas.

Os diccionarios do povo. David Corazzi, editor, Lisboa. Folhas 18, 19 e 20 do *Diccionario portuguez francez*. A extrema barateza d'esta publicação torna-a ao alcance de todos, com o que se presta um bom serviço á educação do povo.

Paraiso Perdido, por Milton, edição de David Corazzi, Lisboa. Fasciculo 15 de 16 paginas e duas magnificas gravuras.

A moda. Publicação trimensal illustrada com figurinos de chapeus, dos fabricantes Costa Braga & Filhos do Porto.

Historia da secca do Ceará (1877 a 1880), Rodolpho Theophilo auctor. Fortaleza, Typographia do Libertador, 1883. O livro que recebemos faz, nas suas 500 paginas, a historia circumstanciada do terrivel flagello que assolou aquella provincia do Brazil, com todos os horrores da fome sua natural consequencia. O volume é dividido em capitulos em que o seu auctor descreve a situação geographica do Ceará, o clima, as riquezas vegetaes e mineraes, a industria fabril e agricola, o commercio, as vias de communicação, os rendimentos da provincia e sua administração, população, força publica, divisão judicial, civil e ecclesiastica, estabelecimentos pios, instrucção publica, imprensa e bibliothecas, etc. Por este breve indice dos capitulos, póde-se fazer idéa da importancia d'este livro e do grande trabalho que elle representa para o seu auctor, digno a todos os respeitos de ser lido por todos que se interessam n'estes assumptos, os mais importantes de estudar, porque as questões economicas de todos os paizes, de todas as sociedades são hoje a ordem do dia, e por isso bem vindos todos os subsidios que possam esclarecer sobre assumpto tão momentoso.

Bibliotheca do povo e das escolas... *David Corazzi, editor... Administração:* 40, rua da Atalaya, 52, Lisboa; Filial no Brazil: 40, rua da Quitanda, Rio de Janeiro, 1884; é o n.º 91 e comprehende a *Topographia*, illustrada com gravuras e adequada ao ensino dos que frequentam o curso geral dos Lyceus. Os agrimensores e todos os mais individuos que teem de se occupar de medições de terrenos teem toda a conveniencia em possuirem este livrinho, que em breves paginas lhe resume noções importantes. A pag. 56 porém lemos o seguinte: «a pratica, só a pratica e o perfeito conhecimento das convenções adoptadas, tornará rapida e facil a leitura das cartas topographicas»; o mesmo dizemos quanto aos trabalhos de campo: a pratica e só a pratica, ainda mesmo com incompleto conhecimento das noções topographicas, tornará o individuo habil no levantamento das cartas topographicas. O ensino d'este importante ramo dos conhecimentos nos nossos Lyceus é irrisorio.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, por E. Freire d'Oliveira, 32.º fasciculo, o qual chega já a pag. 504. Continua-se a materia e documento inserto no texto, acompanhado da extensa nota começada a pag. 452 e occupando quasi a totalidade d'ellas desde essa, em que se mencionam as epidemias de que ha noticia haverem infestado Lisboa, com muitos documentos, interessantes, importantes, ou curiosos, relativos a esses tristes acontecimentos, e ao estabelecimento de cemiterios, hospitaes, á adopção de medidas prophylaticas, etc.

Manual de citações camoneanas, colleccionadas por Narciso José de Moraes. Clavel & C.ª editores, Porto. Folheto de 80 paginas com 223 citações do grande poema e uma traducção em inglez por Felicia Hemans do soneto de Camões que começa: *Alma minha gentil, que te partiste.* É grande a utilidade d'este livrinho que, vulgarisando as bellezas que se encerram no immortal poema, facilita extraordinariamente o trabalho de citações dos *Lusíadas*. O trabalho que o auctor d'este livrinho teve de mais, outros o terão de menos, pois não deixa de ser commodo affectar erudição sem ler os auctores.

La correspondance Merley, *organe politique du parti national français*, n.º 39 de 25 de outubro ultimo.

Le messager d'occident *(ancien Messager de Vienne), journal international, paraissant les mercredis et samedis, redaction et administration, rue Saint-Georges, 9, Paris.* Decimo anno, n.º 38, sabbado 1 de novembro. Este periodico, redigido pelo sr. B. Wolowski, que tem demonstrado a sua sympathia por Portugal, occupa-se dos negocios mais importantes, e n'aquelles que se referem ao *Congo* tem sempre mostrado a justiça e direitos imprescriptiveis de Portugal. Publica tambem traducções escrupulosamente feitas de obras litterarias estrangeiras, e algumas obras francezas de auctores da melhor nota.

Typographia Elzeviriana — Lisboa